

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CIDADE DE GOIÁS - GO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS (UAECH)

IZABELA CRISTINA DE CARVALHO MOURA

**FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL:**  
UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL

CIDADE DE GOIÁS - GO

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Izabela Cristina de Carvalho Moura

Título do trabalho: FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL: UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **IZABELA CRISTINA DE CARVALHO MOURA, Discente**, em 15/09/2022, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 15/09/2022, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

[https://sei.ufg.br/sei/documento\\_consulta\\_externa.php?id\\_acesso\\_externo=293974&id\\_documento=3448180&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0&infra...](https://sei.ufg.br/sei/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=293974&id_documento=3448180&id_orgao_acesso_externo=0&infra...) 1/2 15/09/2022 15:48 SEI/UFG - 3182243 - Termo de Ciência e de Autorização TCCG (RI)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3182243** e o código CRC **4FD707A8**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.049943/2022-26 SEI nº 3182243  
[https://sei.ufg.br/sei/documento\\_consulta\\_externa.php?id\\_acesso\\_externo=293974&id\\_documento=3448180&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0&infra...](https://sei.ufg.br/sei/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=293974&id_documento=3448180&id_orgao_acesso_externo=0&infra...) 2/2

IZABELA CRISTINA DE CARVALHO MOURA

**FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL:**  
UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Filosofia, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas da Regional Cidade de Goiás-GO da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Filosofia.

**Área de Concentração:** Fenomenologia, Existencialismo, Psicanálise Existencial.

**Orientador(a):** Profa. Dra. Ana Gabriela Colantoni

Cidade de Goiás - GO  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moura, Izabela Cristina de Carvalho

Fenomenologia e Psicanálise Existencial [manuscrito] : uma possibilidade para além do projeto original / Izabela Cristina de Carvalho Moura. - 2022.

XL, 43 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Gabriela Colantoni.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2022.

Bibliografia.

1. Fenomenologia. 2. Existencialismo. 3. Psicanálise Existencial. I. Colantoni, Ana Gabriela, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de setembro do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL: UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL”, de autoria de Izabela Cristina de Carvalho Moura, do curso de Filosofia, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas da UFV. Os trabalhos foram instalados por Ana Gabriela Colantoni - UAECH/UFV, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Vânia dos Santos Silva (Aia Hipácia) UEG e Silvio Carlos Marinho Ribeiro - UAECH/UFV. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia dos Santos Silva, Usuário Externo**, em 13/09/2022, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sílvio Carlos Marinho Ribeiro, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufv.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufv.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3182233** e o código CRC **D8D85DF1**.

Referência: Processo nº 23070.049943/2022-26

SEI nº

3182233[https://sei.ufv.br/sei/documento\\_consulta\\_externa.php?id\\_acesso\\_externo=293974&id\\_documento=3448170&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0&infra...](https://sei.ufv.br/sei/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=293974&id_documento=3448170&id_orgao_acesso_externo=0&infra...)

1/1

**RESUMO:**

Ao longo da história da filosofia, os pensadores muito se ocuparam em pensar e questionar sobre a Verdade das coisas. Analisamos o cenário, onde Sartre traz o conceito de fenômeno enquanto algo que revela o Ser, que se dá com a relação do Para-si (Consciência) com o Em-si (Objeto), em contraposição ao conceito de fenômeno de Kant, como algo que vela o Ser. Partindo desses pressupostos, Sartre vai esboçar sua ontologia fenomenológica e vai pensar de que forma sua filosofia pode abranger a compreensão do homem em sua totalidade. Então, a Psicanálise Existencial sartriana vai rejeitar alguns princípios da Psicanálise Freudiana e sustentar que o adulto não é determinado pela infância, porém pode ser influenciado por ela. Nesse contexto, o Para-si que é livre e constante projeção, escolhe seu Projeto Original, ou seja, suas prioridades. Partindo dessas concepções, iremos apresentar e contestar a tese de Moura (2017) acerca da mutabilidade do Projeto Original, ao passo que, refutamos também a concepção de Colantoni (2019), que ao contrário de Moura (2017), defende a imutabilidade de tal Projeto. Por fim, defendemos uma interpretação intermediária, isto é, a de que o Projeto Original não pode ser totalmente modificável, apenas suas estruturas ressignificadas.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Existencialismo e Psicanálise Existencial.

**ABSTRACT:**

Throughout the history of philosophy, thinkers have been very busy thinking and questioning the Truth of things. We analyzing the scenario, where Sartre brings the concept of phenomenon as something that reveals the Being, which occurs with the relationship of the For-itself (Consciousness) with the In-itself (Object), in contrast to Kant's concept of phenomenon, as something that veils the Being. Starting from these assumptions, Sartre will sketch his phenomenological ontology and will think about how his philosophy can encompass the understanding of man in his totality. So, Sartrean Existential Psychoanalysis will reject some principles of Freudian Psychoanalysis and maintain that the adult is not determined by childhood, but can be influenced by it. In this context, the For-itself, which is free and a constant projection, chooses its Original Project, that is, its priorities. Based on these conceptions, we will present and contest Moura's (2017) thesis about the mutability of the Original Project, while we also refute Colantoni's (2019) conception, which, unlike Moura (2017), defends the immutability of such Project. Finally, we defend an intermediate interpretation, that is, that the Original Project cannot be fully modifiable, only its structures can be resignified.

**Keywords:** Phenomenology; Existentialism and Existential Psychoanalysis.

## DEDICATÓRIA

Ao Pequi...

## AGRADECIMENTOS

À educação pública, gratuita e de qualidade. Ao ensino, extensão e pesquisa. Em especial, ao PIBID e Residência Pedagógica pelo meu crescimento profissional. Às assistências estudantis. À minha orientadora e querida amiga, Ana Gabriela Colantoni, pela paciência e persistência comigo. Ao corpo docente e todos os técnicos administrativos que fizeram parte dessa conquista. À minha família e amigos que estiveram comigo durante essa caminhada, e aos que partiram, seja seguindo outros caminhos ou aqueles que partiram dessa vida (em memória de meu querido amigo Caio Rodrigues e minha vózinha, dona Tereza).

## EPÍGRAFE

“O vazio é um espelho que reflete meu rosto.  
Vejo minha própria imagem e sinto repugnância e medo.”

O Sétimo Selo (1957) – Ingmar Bergman

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICA DE SARTRE.....	16
3. PSICANÁLISE EXISTENCIAL.....	36
4. UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL.....	38
5. CONCLUSÃO.....	43
6. BIBLIOGRAFIA.....	44

## 1. INTRODUÇÃO

Corpos lançados na infinitude do acaso, um acaso a vir ser um aristocrata grego que da curiosidade vinda do ócio, seria reconhecido como grande pensador; um acaso vir a ser um trabalhador rural assalariado no norte da Bahia, que os olhos nunca viram os tons de azuis do horizonte que separa céu e mar da grande Salvador; um acaso vir a ser um príncipe da família real inglesa que renuncia o peso da coroa, o luxo em demasia e o brilho dos flashes, a ter uma vida de um simples plebeu; um acaso vir a ser um renomado intelectual indígena que através das palavras denuncia ao mundo o massacre proposital de seus pares; um acaso vir a ser uma mulher ucraniana no século XXI que suporta a dor do frio e da fome em um campo de refugiados, vivendo saudosamente a nostalgia de uma tranquila manhã de domingo em família, da qual nunca mais viverá; um acaso vir a ser uma interiorana nascida no centro goiano do Brasil, que na etapa de conclusão do atípico curso de filosofia, decide pesquisar sobre a liberdade, tal qual entende um filósofo francês do século XX, que muito se ocupou em pensar questões que envolvem esses tais corpos lançados na infinitude do acaso.

Mas o que todos esses corpos arremessados no mundo, abandonados na contingência dos acontecimentos, tem em comum? Apesar das singularidades de cada corpo, o que os equiparam é o fato de que são corpos livres, cujo atributo implica um constante fazer-se a partir da escolha de um projeto maior, que é o projeto original.

O que então, fez esse corpo livre, branco, do gênero feminino, nascida na década de 90, de família fervorosamente capitalista e religiosa, com 1,72 de altura, de 76kg, intolerante ao glúten, com sardas, mãos médias e dedos longos que vos escreve neste momento, desenvolver tal pesquisa, e não outra?

Diante a infinidade de temas que poderiam vir a ser desmiuçados aqui, a escolha de ter me dedicado logo a esse, vai muito ao encontro com a apreciação da palavra (e exercício) liberdade. Deparar-me com um pensador que se dedica incansavelmente a pensar a polêmica questão da liberdade e todos seus entraves, me sensibilizou de forma muito singular. Em especial, quando dentro da teoria fenomenológica Sartre traz uma compreensão muito além de um mero conceito, nos referimos à possibilidade de entender um sujeito, sua história, sua

liberdade e como tudo isso está interligado. A Psicanálise Existencial é essa possibilidade. O que mais incitava além da circunstância de desvelar o Outro, era a possibilidade de se colocar no lugar de um Outro e executar tal investigação. Coincidentemente, tal pesquisa veio de encontro com o que é corriqueiramente conhecido como “crise dos vinte anos”, apontando caminhos, solucionando dúvidas e dívidas que fazia comigo mesma. O que não significa que, esse raso conhecimento obtido aqui trouxe apreensão do meu projeto original, e que também ainda não pudemos compreender como a escolha dessa pesquisa se integra a tal projeto.

Hoje, na oportunidade de dividir o resultado dessa pesquisa com você, leitor, posso seguramente afirmar que, a nossa investigação só está começando, e onde pudemos chegar aqui é apenas uma direção a ser seguida.

## 2. FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICA DE SARTRE

Ao longo da história o homem se ocupa em refletir e resolver problemáticas em sua maioria referentes a seus contextos históricos e sociais. Em análise, nota-se que o homem se tornou centro de suas próprias reflexões muito recentemente. É seguindo essa lógica que nos limitamos a refletir acerca do homem, em especial o homem do século XXI. Ele, enquanto agente passivo e ativo, sofre consequências de situações muito naturais a sua própria existência.

Tendo à sua disposição uma vasta rede de informações, inovações tecnológicas, transformações sociais e seus movimentos decorrentes, o homem se vê em fase de aceitação, de superação, de adaptação e de mudanças no pensar, no agir e no estilo de vida como um todo. Processo do qual pode ser delicado, confuso e doloroso levando o indivíduo a angustiar-se perante a infinidade de possibilidades. E tendo como base a complexidade desse processo, surgiu o interesse em investigar estratégias que ajudassem o indivíduo em seu próprio desenvolvimento de modo a viabilizar a compreensão de suas prioridades e das possibilidades de mudanças significativas em suas vidas.

Diante de tais inquietações adotamos como objeto de pesquisa a Psicanálise Existencial sartriana. O filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) traz uma proposta de compreensão do projeto de Ser do adulto e sua relação com o desenvolvimento na infância do indivíduo. Sartre apresenta uma proposta em contraposição à visão determinista da Psicanálise Freudiana que vê a infância como reflexo insuperável e determinante da vida adulta.

Em sua obra *Questão de Método*, datada em 1987, Sartre busca desenvolver uma metodologia que seja progressiva-regressiva ao mesmo tempo, pela qual ele pretende analisar e compreender o indivíduo não somente de forma geral e abstrata, mas também de forma concreta a partir da descrição das vivências singulares.

Para isso, em parte, ele adota o método marxista que abrange a “história geral que nos restitua as estruturas da sociedade contemporânea, seus conflitos, suas contradições profundas, e o movimento de conjunto que estas determinam” (SARTRE, 1987, p.170). Observando que tais dados são insuficientes para obtermos um conhecimento concreto acerca do objeto estudado, vê-se necessidade de apropriar-se de um conhecimento pormenorizado. Então, ele

adota também, em partes, o método existencialista de Kierkegaard que exerce esse papel, contribuindo com a valorização da biografia, fornecendo dados de vivências singulares do cotidiano do sujeito. O método de Sartre tem como característica ser heurístico, porque ele descobre fatos ao mesmo tempo que investiga a história e a biografia.

O existencialismo interage integralmente com a Psicanálise Existencial, pois a biografia da infância se destaca como fator principal para compreensão do adulto. Nesse contexto, o papel da psicanálise será investigar de forma minuciosa como a criança se desenvolve dentro das relações familiares condicionada ao histórico-social do qual se encontra inserida, ao mesmo tempo que observa “se a criança sufoca em seu papel, se procura fugir dele ou se o assimila inteiramente” (SARTRE, 1978, p. 138). Os dados levantados em tal análise nos proporcionarão um Saber totalizado e concreto, será de tal modo abrangente que nos possibilitará até mesmo tomar conhecimento sobre qual o Projeto do indivíduo. O conceito de Projeto ou Projeto Originário na teoria de Sartre é como um intencionalismo para aquilo que é possível, desejável e ainda não realizado. Assemelha-se à uma espécie de automotivação ou motivação própria criada pelo sujeito, onde todas as escolhas são guiadas por tal prioridade.

Sob forte influência fenomenológica de Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976) e de existencialistas como Karl Jaspers (1883-1969), Sartre traz em sua obra *O Ser e o Nada – Ensaio de uma Ontologia Fenomenológica* publicada em 1943, resultados de reflexões acerca do fenômeno e todas as nuances que o envolvem.

Diante disso, Sartre julga necessário refletir sobre as condições necessárias para que uma ação ocorra. A princípio, toda ação tem um objetivo, ou seja, espera-se alcançar ou atingir um fim com determinada ação. O homem só age se a ação for “intencional”, se não houver intenção por parte de quem praticou, não haverá ação (SARTRE, 2007, p. 536), além disso, é preciso uma constatação de uma falta objetiva (precisamente de uma ideia). Nas palavras de Sartre, “toda ação tem por condição expressa não somente a descoberta de um estado de coisas como ‘falta de...’, ou seja, como negatividade, mas também – e previamente – a constituição em sistema isolado do estado de coisas em consideração (SARTRE, 2007, p. 539). Para que uma ação ocorra o atuante precisa saber que tal é possível e que não foi realizada, porém não será

suficiente se não for desejada. Logo, para uma ação se concretizar, é preciso que exista algo “possível, desejável e não realizado” (SARTRE, 2007, p. 537).

A teoria sartriana quebra com a ideia determinista de que a estrutura da ação implica necessariamente uma causa e efeito, essa noção de causalidade não se sustenta, pois, segundo a teoria fenomenológica de Sartre (2007, p. 539) o passado não pode produzir ato, somente o fim é capaz de iluminar o ato.

Dentro dessa estrutura, tudo o que é percebido (objetos), Sartre chama de Em-si. Por outro lado, Sartre chama a consciência de Para-si. Ela é não-ser, vazia de sentido e não determinada. Por ser vazia de sentido será sempre intenção de algo, de algum objeto. Da relação entre o Em-si e o Para-si surge o fenômeno, o fenômeno é o que revela a coisa Em-si, sua aparição, sua essência, seu significado, bem como, indicando seu ser. Essa constatação acerca do fenômeno, coloca fim ao dualismo entre ser e parecer discutido recorrentemente na história da filosofia. O fim no dualismo está na concepção de que o fenômeno revela o ser e não esconde o ser. Ou seja, o fenômeno, como dependente da intencionalidade da consciência, não pode me revelar apenas um aspecto da verdade, mas me revela sempre a verdade. Não há cisão entre o conhecimento e a verdade (a coisa em si, como ocorre no caso de Kant).

Se o fenômeno surge da relação entre ser e consciência, então não existe fenômeno sem consciência. O fenômeno é revelado de tal modo que se apresenta em uma série de aparições, porém é importante ressaltar que ser e parecer não são uma só e mesma coisa, eis a crítica de Sartre aos idealistas que reduzem a coisa em sua significação. O ser, a coisa em-si é transfenomenal, pois está fora do fenômeno, enquanto a sua significação depende da intencionalidade da consciência. No entanto, é importante frisar que se o fenômeno revela o ser de um objeto, a percepção que tenho desse objeto é absoluto, mas a significação é relativa, pois depende sempre da intencionalidade.

A consciência possui três dimensões: irrefletida, refletida e reflexiva. A consciência irrefletida é aquela que se manifesta quando se faz algo espontaneamente, no automático, sem refletir sobre o que está sendo realizado. A consciência refletida é consciência da consciência irrefletida. Enquanto a consciência reflexiva envolve um sentimento em relação à consciência refletida. De modo a ilustrar tais dimensões, considere os seguintes exemplos: o trabalho manual executado em uma fábrica é consciência irrefletida, pois, por costume,

já é executada sem pensar sobre. Quando eu penso sobre esse trabalho executado automaticamente, manifesta-se a consciência refletida. E a consciência reflexiva, se manifesta como sentimento em relação ao trabalho que realizo.

Sartre faz uma crítica aos psicólogos em geral no que se refere à existência da reflexão de maneira independente do objeto externo. A partir de Husserl, Sartre afirma que toda consciência é consciência de algo externo (SARTRE, 2007, p. 22), logo, toda reflexão é primeiramente posicional, é em relação ao ser, e desse modo não é possível consciência de nada. Alicerçado nessa ideia, constata-se portanto, uma dupla dependência, sendo: 1) ontológica, da consciência em relação ao ser; e, 2) epistemológica, de uma consciência que dá significado ao ser.

Como vimos anteriormente, a consciência é não-ser. Se a consciência é não-ser, então é indeterminada e, portanto, livre. Longe de uma definição, Sartre entende que não é possível atribuir à liberdade uma essência, pois ela só pode ser experienciada na singularidade pelo próprio existente (SARTRE, p. 542). No entanto, nas palavras de Sartre “a liberdade é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias” (SARTRE, p. 542). Dado que a liberdade na concepção sartriana se faz na singularidade do ser atuante, fica suspensa a ideia de uma verdade universal das essências como outrora fora apresentado por Descartes na história da filosofia através do *cogito*. Inválida porque não pode ser universal e principalmente porque a existência precede a essência na teoria de Sartre. A liberdade se faz como inerente ao ser atuante, no exercício do ato e nas possibilidades de transcendência.

As considerações acerca da liberdade inerente ao homem são igualmente aplicáveis ao que Sartre entende por realidade-humana: pois se trata de um movimento de transcendência em direção a algo. Tais pontos se correlacionam, pois o que faz a realidade-humana é o próprio homem-consciência. Se são nadaificação, então são livres, logo possuem autonomia de construção. Se é nadaificação, tal como o homem, a realidade-humana também é movimento, tal como mencionado anteriormente, então, a ela é dada a característica de fazer-se até em seus pormenores, por meio de escolhas e possibilidades de vivências.

A realidade-humana é livre porque *não* é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está

separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadificação na forma do “reflexo-refletidor”. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença de si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada *tendo* sido no âmago do homem e obriga a realidade-humana a *fazer-se* em vez de *ser*. Como vimos, para a realidade-humana, ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa *receber* ou *aceitar*. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de *fazer-se* ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é *um* ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 2007, p.545).

Livre para escolher, livre para se projetar, o indivíduo está condicionado a uma liberdade da qual ele não pode se desvencilhar. Tomando conhecimento dessa característica, Sartre afirma “estou condenado a ser livre” (SARTRE, 2007, p. 543). Levando em consideração do quão radical é essa dita liberdade, cabe a nós questionarmos a respeito de seus limites. Possuiríamos então, liberdade para deixarmos de sermos livres? A resposta de Sartre é “que não somos livres para deixar de ser livres” (SARTRE, 2007, p. 544).

Apesar da liberdade radical, é possível se deparar com casos em que negam a realidade-humana. Sartre explica que a angústia é o sentimento que surge quando o indivíduo reconhece sua autonomia. O sujeito que nega a própria liberdade age de má-fé, e não se sente angustiado. É necessário estar atento a situações nas quais o Para-si toma os móveis como determinados e plenos de sentido, tornando-se, portanto, um ser-Em-Si. Similarmente à noção de causalidade, o Para-si tenta transferir a responsabilidade de suas ações para seus móveis, motivos, fins, e conseqüentemente sua essência, tentando negar (pois, não é possível negar) não somente sua liberdade, como também seu poder de escolha. Nessa situação, o homem também é transcendência com exceção de que os fins os “encontro ao surgir no mundo: provêm de Deus, da natureza, de ‘minha’ natureza, da sociedade” (SARTRE, 2011, p. 544).

Esses fins pré-formados e pré-humanos irão definir, portanto, o sentido de meu ato antes mesmo que eu o conceba, assim como os motivos, enquanto puros dados psíquicos, irão provocá-lo sem que eu sequer dê-me conta. Motivo, ato, fim, constituem um “continuum”\*, um *pleno*. Essas tentativas abortadas de sufocar a liberdade sob o peso do ser – tentativas que se desfazem ao surgir de súbito a angústia ante a liberdade – demonstram o suficiente que a liberdade coincide em seu fundo com o nada que está no âmago do homem (SARTRE, 2007, p. 544 – 545).

Assim, quando falamos em liberdade, estamos falando em realidade humana e estruturas de uma ação. Nessa esfera, poderíamos então refletir sobre a vontade. Ressaltamos que ao anunciar uma vontade, esta por sua vez, está

intimamente relacionada ao projeto original, e, portanto, a “deliberação voluntária é sempre ilusória.” (SARTRE, 2007, p. 556). Pois, como o projeto original é propriamente o fim último, logo ele ilumina os motivos e móbeis no ato de deliberar, contendo os pesos e valores de acordo com o que o indivíduo se projeta a ser. No entanto, é importante frisar que “quando a vontade intervém, a decisão já está tomada, e a vontade não tem outro valor senão o de anunciadora” (SARTRE, 2007, p. 557). A fome por exemplo, é um móbil e um modo de consciência irrefletida. A consciência de fome é consciência refletida. A decisão de comer é ato voluntário, porque relaciona-se com o projeto original que ilumina a fome como algo superável ou não. Nesse sentido, apenas podemos falar que a fome (enquanto condição subjetiva) é móbil, caso eu me projete para comer.

Sartre menciona que as condições dentro de uma ação iluminadas por um fim se chamam motivos e móbeis, sendo motivo uma “captação objetiva de uma situação determinada, na medida em que esta situação se revela, à luz de certo fim, como apta a servir de meio para alcançar este fim” (SARTRE, 2007, p. 551), enquanto móbeis se trata de “um fato subjetivo. É o conjunto dos desejos, emoções e paixões que me impelem a executar certo ato” (SARTRE, 2007, p. 552).

Embora os motivos façam parte da estrutura de uma ação, Sartre (2011, p. 554) explica que eles não podem determiná-la, pois, já existe na consciência uma estrutura própria que buscará fatores objetivos e externos para iluminar o fim. Ao mencionar a ideia de estrutura própria da consciência, nos referimos também à noção de subjetividade e tão logo, de móbil. Considerando que a subjetividade se constitui em experiências vividas e lembranças, o móbil adquirirá um caráter afetivo - o que não significa também que os móbeis determinam uma ação. Assim como os motivos, os móbeis são parte de um livre projeto de ser, onde a potencialidade transcende a algo (fim) que ainda não é, mas que é possível e desejado. Quando o móbil se encontra no passado, torna-se uma espécie de Em-si como uma coisa à parte, representado como algo fora da consciência, enquanto que o Para-si estará sempre no presente.

O móbil torna-se então aquilo *de* que há consciência. Pode aparecer-me em forma e “saber”; vimos, com efeito, que o passado morto infesta o presente com o aspecto de um *saber*; é também possível que eu a ele retorne para explicitá-lo e formulá-lo, guiando-me pelo saber que ele é presentemente para mim. Nesse caso, é objeto de consciência, é esta própria consciência *da qual* tenho consciência. Aparece, portanto – tal como minhas lembranças em geral –, ao mesmo tempo enquanto *meu* e enquanto transcendente (SARTRE, 2007, p. 555).

Esse passado que infesta o presente, também chamado de móbil é mencionado em *Questão de Método* enquanto uma *coloração* do projeto, isto é, algo “subjetivamente seu gosto, objetivamente seu estilo” (SARTRE, 2007, p. 158). Dado a superação ou conservação desses dados, Sartre afirma que “uma vida desenvolve-se em espirais, ela volta a passar pelos mesmos pontos mas em níveis diferentes de integração e de complexidade” (SARTRE, 1987, p. 158).

É importante ressaltar que as paixões e as vontades dentro da realidade humana, bem como da liberdade de fazer-se, aparecem em diferentes formas subjetivas de manifestação. Sartre (2007, p. 548) cita como exemplo o modo como as pessoas reagem diante de uma situação de perigo, algumas por medo correm, enquanto outras desmaiam. Ele analisa que, embora reajam de maneiras diferentes, o objetivo é o mesmo: garantir a sobrevivência. Portanto, a “diferença recai aqui sobre a escolha dos meios e o grau de reflexão e explicação, não sobre o fim. Todavia, aquele que foge é considerado ‘passional’, e reservamos o epíteto de ‘voluntário’ para o homem que resiste” (SARTRE, 2007, p. 548).

Em *Esboço de uma teoria das emoções* publicada em 1939, Sartre expõe a necessidade de um conhecimento pormenorizado sobre as emoções, sobretudo como forma de trazer sua essência e significado diante a realidade humana. A emoção é o modo pelo qual a consciência responde ao mundo externo, e é através dela que se “transforma” esse mundo externo.

Quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais permanecer num mundo tão urgente e tão difícil. Todos os caminhos estão barrados, no entanto é preciso agir. Então tentemos mudar o mundo, isto é, vivê-lo como se as relações das coisas com suas potencialidades não estivessem reguladas por processos deterministas, mas pela magia (SARTRE, 2008, p. 63).

Toda emoção é sofrida, a significação e as condutas adotadas serão adaptadas a situações muito subjetivas e particulares. Entende-se que, se um indivíduo apaga, transpira, ou tem ânsia diante de uma situação, ele escolhe tal reação e com essa escolha, o objetivo de evitar encarar o problema, em contraposição àquele indivíduo que buscará acertadamente encarar a situação, nas palavras de Sartre:

No medo, o desfalecimento, a cataplexia, visam suprimir o perigo suprimindo a consciência do perigo. Há intenção de perder consciência para abolir o mundo terrível no qual a consciência está comprometida e que advém ao ser pela consciência. Trata-se, pois, de condutas mágicas provocando satisfações simbólicas de nossos desejos e que

revelam, ao mesmo tempo, um estrato mágico do mundo. Em oposição a tais condutas, a conduta voluntária e racional irá encarar tecnicamente a situação, rejeitar o mágico e empenhar-se em captar as séries determinadas e os complexos instrumentais que permitem resolver os problemas (SARTRE, 2008, p. 550).

Desse modo, o Para-si é responsável por escolher as formas subjetivas de manifestações, independentes de quais sejam – mágico ou racional – estarão alinhadas ao livre projeto de si. Chamamos de transcendência o movimento de projeção, nesse caso, em relação ao futuro, onde os motivos e móbeis estão intimamente conectados a um fim e condicionados por uma liberdade fundamental que está para além, não depende de nada, mas que pode sobretudo sofrer influências do meio.

Embora mencionemos a livre projeção da consciência na esfera da vontade, Sartre nos apresenta uma liberdade dita “mais profunda”, que dentro de um conjunto de ações há uma real “motivação” que se revela como um “intencionamento” iluminado por um Projeto maior que está no futuro. Para Sartre, o indivíduo não altera seu projeto original sem tornar-se irreconhecível. Como ilustração disso, Sartre (2007, p. 560) traz como exemplo um caso de uma excursão da qual ele se rende à fadiga, enquanto seus amigos, apesar de também cansados, decidem continuar. Em análise, tanto Sartre quanto seus amigos tiveram outra opção. Ele poderia ter continuado se seu projeto fosse o de prosseguir a caminhada, porém, como seu projeto era o de “ser fraco”, ele se rende à fadiga. Do mesmo modo que, seus amigos estavam fatigados tanto quanto, mesmo assim continuam pois “ser fraco” não era o projeto deles. Nesse sentido, para que seja uma decisão é necessário que a fadiga se torne objeto da consciência reflexiva, e que a partir disso corresponda ao seu Projeto ou do Outro.

Não se trata de apreensão contemplativa de minha fadiga: como vimos a propósito da dor, eu *padeço* minha fadiga. Ou seja, uma consciência reflexiva dirige-se à minha fadiga para vivê-la e para conferir-lhe um valor e uma relação prática comigo. É somente nesse plano que a fadiga irá aparecer-me como suportável ou intolerável. Nunca, em si mesmo, a fadiga será nada disso, mas é o Para-si reflexivo que, ao surgir, padece a fadiga como intolerável (SARTRE, 2007, p. 561).

O modo pelo qual ele reage – seja resistindo ou padecendo – apenas remete ao significado que o Para-si dá à situação, ou seja, é preciso “conferir-lhe um valor e uma relação prática comigo.” (SARTRE, 2007, p. 561). Sartre conclui que apesar do sentimento de fadiga ser comum a todos, o que impulsiona os demais é o desejo e a satisfação em vencer tal desafio. A escolha diante da

situação é compreendida segundo seu significado dentro de um projeto maior. Então, Sartre compreende que a escolha de seu companheiro tem como significado “um projeto mais vasto de entrega confiante à natureza, de paixão consentida para que exista na plenitude, e, ao mesmo tempo, de dominação suave e de apropriação” (SARTRE, 2007, p. 562).

A liberdade propriamente dita está na escolha do projeto original. Mas, se em meu projeto original escolhi-me enquanto fraco, não agirei de forma diferente.

O método de investigação dos significados das ações é também utilizado por Sigmund Freud (1856-1939), ele cria a psicanálise como alternativa de investigação conservando a causalidade dos fatos, utilizando a afetividade no presente, estabelecendo uma conexão com o passado para compreensão da vida psíquica do sujeito. No entanto, o método psicanalítico não pressupõe que o futuro ilumine as decisões do presente, constituindo assim o passado. A crítica de Sartre constrói-se em cima da cristalização da totalidade do indivíduo, bem como da falta de recursos para uma compreensão do projeto original, que encontra-se no futuro: “Mas em lugar de compreender o fenômeno considerado a partir do passado, concebemos o ato compreensivo como um retorno do futuro rumo ao presente.” (SARTRE, 2007, p. 566). Esse método de investigação é conhecido como método progressivo-regressivo, sobre ele Sartre afirma que:

[...] a compreensão se faz em dois sentidos inversos: por uma psicanálise regressiva, remontamos do ato considerado até meu último possível; por uma progressão sintética, tornamos a descer desse último possível até o ato considerado e captamos sua integração na forma total (SARTRE, 2007, p.567).

O objetivo é integrar um Saber totalizado valorizando as significações subjetivas dentro das estruturas singulares da vida do sujeito. Vimos que a consciência é livre e vazia de sentido, ela depende do mundo - que é Em-si, e portanto, pleno de concretude, o sentido do mundo é dado a partir da relação fenomênica, depende da consciência. Sendo livre e com uma infinidade de possibilidades, eu escolho. Cada escolha é consciência e intencionalidade a um fim, os fins são propriamente meu projeto inicial ou originário, que dá sentido aos motivos e aos móveis. Como vimos anteriormente, motivo, móbil e fim formam um “ad continuum”, e isso implica não ser possível compreendê-los separadamente da estrutura do ato. Somos consciência de liberdade na maneira que nos projetamos, que escolhemos, que vivemos e agimos, portanto, somos

um processo criativo constante. Não recebemos nada antes da existência, nada de fora, tampouco de dentro, criamos nosso próprio projeto.

Enquanto consciência sou nada, mas me projeto incessantemente para ser. Ao findar minhas possibilidades de projeção e de escolhas, me torno um Em-si, pleno de ser e de essência, e isso ocorrerá somente com a minha morte.

Se a existência precede a essência, sou responsável por aquilo que faço de mim. Ao me criar, não posso escolher algo que não me pareça bom para mim e para o mundo.

[...] o mundo nos devolve exatamente, por sua própria articulação, a imagem do que somos. Não que possamos – como já vimos – decifrar esta imagem, ou seja, detalhá-la e submetê-la à análise, mas porque o mundo nos aparece necessariamente como somos; com efeito, é transcendendo-o rumo a nós mesmos que o fazemos parecer tal como é. Escolhemos o mundo – não em sua textura Em-si, mas em sua significação – escolhendo a nós mesmos (SARTRE, 2007, p. 571).

Cerceado pelo olhar do Outro, o mundo é aquilo que dou significado. Eis o princípio da teoria ética de Sartre: perante tamanha responsabilidade posso me sentir angustiado e desamparado. São sentimentos dos quais não posso evitar, uma vez que estou condenado a ser livre e não recebo pronto um juízo de valor para basear minhas escolhas. Contudo, tais escolhas serão autênticas ou de má-fé. A má-fé é a negação da própria liberdade, e age de modo a responsabilizar fatores externos (natureza-humana, religião, política etc.) confundindo transcendência e facticidade. Autênticas são aquelas escolhas das quais, são assumidas responsabilidades sobre elas.

É claro que o passado, sendo um Em-si, não pode ser modificado; mas a consciência, enquanto um contínuo escolher, lança a possibilidades de recriar, o que me dá poder de fazer uma escolha de tal modo que modifique e ressignifique meus projetos secundários.

Assim, estamos perpetuamente comprometidos em nossa escolha, e perpetuamente conscientes de que nós mesmos podemos abruptamente inverter essa escolha e “mudar o rumo”, pois projetamos o porvir do nosso próprio ser e o corroemos perpetuamente por nossa própria liberdade existencial: anunciamos a nós mesmos o que somos por meio do nosso porvir e sem domínio sobre este porvir que permanece sempre *possível*, sem passar jamais à categoria de *real*. Assim, estamos perpetuamente submetidos à ameaça da nadificação de nossa atual escolha, perpetuamente submetidos à ameaça de nos escolhermos – e, em consequência, nos tornarmos – outros que não estes que somos (SARTRE, 2007, p. 573).

O projeto originário está dentro de uma unidade que Sartre chama ek-stática, que constitui a temporalização passado-presente-futuro. Nessa unidade,

há o que ele chama de instantes, que acontece entre um início e um fim dentro de um projeto maior. A nadificação está antes e depois de um instante, é um contínuo nadificação-começo-instante-fim-nadificação-começo-instante e assim sucessivamente. Instante e escolha se assemelham, pois ela está sempre em relação a uma nadificação, seja antes ou depois. Isso quer dizer que está “sempre limitada por um duplo nada, e, como tal, realiza uma ruptura na unidade ek-stática de nosso ser” (SARTRE, 2007, p. 575).

Há em cada instante, escolhas e para cada escolha significações que fará sentido dentro de um projeto. Há escolhas do passado, mais precisamente da infância, que manifestam como “uma espécie de saber”, e devido a conservação desses dados, bem como, a autonomia do indivíduo, compete a ele superar ou conservar tais dados tal qual seja a iluminação da projeção futura. Se a liberdade do para-si é tamanha que é livre para escolher seu projeto original, então, mesmo escolhas secundárias – pensando em uma hierarquia de escolhas - estarão intimamente ligadas ao meu projeto original. Quando eu penso que estou reinventando, certamente não terei saído do trilho desse fim último escolhido.

Sartre faz uma análise da teoria da liberdade de Leibniz para destacar as principais questões de sua própria teoria. Ele usa o exemplo de Adão, enquanto personagem da teoria criacionista relatada na Bíblia, livro sagrado do cristianismo. Segundo essa teoria, o personagem Adão foi o primeiro homem a existir, ele é fruto de uma divindade absoluta do qual tem poder de criação. A divindade mencionada chama-se Deus, Deus criou tudo e inclusive o Paraíso. Paraíso é onde Adão e os demais seres vivos habitam. A Bíblia relata que Adão se sentindo sozinho pediu que Deus criasse algo que lhe fizesse companhia e atendendo seu pedido Deus criou Eva, também humana, porém do sexo feminino. A única regra do Paraíso estabelecida por Deus era unicamente que Adão não comesse do fruto proibido, e acaso o fizesse seria expulso de lá tendo que se responsabilizar por muitas mazelas que seriam lançadas à Terra. Na sequência, em uma oportunidade, Eva é tentada por uma serpente a comer o fruto proibido. A serpente a seduz alegando que comendo do fruto proibido Eva seria tão poderosa quanto Deus. Não resistindo, Eva se entrega à sedução, comendo de tal fruto e em seguida levando para Adão, que também o fez. Posterior ao acontecido, Deus se depara com o descumprimento da regra, cumpre o prometido os expulsando do Paraíso e responsabilizando-os por todo mal que existe.

Ele considera que Adão sendo criação de Deus e não de si mesmo, implica uma essência pronta e acabada. Portanto, Adão sendo criação de algo, ele não é livre, e se ele não é livre, logo ele não pode se criar ou escolher, tirando assim sua responsabilidade sobre si. Então se o seu ser lhe é dado, ele não pode ser responsabilizado pelo seu ato de comer a maçã, e como consequência trazer as mazelas do mundo. A reflexão de Leibniz, implica “um necessitarismo (*nécessitarisme*) totalmente oposto à ideia de liberdade”, isso quer dizer que Adão não poderia ser de outro modo, devido condicionamentos causais passados (encadeamento lógico). A única contingencialidade é a da criação de Deus, após a criação tudo está previsto conforme esse encadeamento lógico-cronológico.

Em contraposição a Leibniz, Sartre aponta que a essência está no futuro, pois ela é posterior à existência. Nesse sentido, a existência de Adão irá se fazer conforme fins que ele mesmo escolherá, portanto, ele se definirá por aquilo que está no futuro e não no passado. Nas palavras de Sartre:

Assim, o possível de Leibniz permanece eternamente como possível abstrato, ao passo que, para nós, o possível só aparece possibilitando-se, ou seja, vindo para anunciar a Adão o que ele é. Por conseguinte, a ordem de explicação psicológica em Leibniz vai do passado ao presente, na medida mesmo em que esta sucessão exprime a ordem eterna das essências; tudo está finalmente coagulado na eternidade lógica, e a única contingência é a do princípio, o que significa que Adão é um postulado do entendimento divino. Para nós, ao contrário, a ordem da interpretação é rigorosamente cronológica; não busca, de modo algum, reduzir o tempo a um encadeamento puramente lógico (razão) ou lógico-cronológico (causa-determinismo). Interpreta-se, portanto, a partir do futuro (SARTRE, 2007, p. 578).

Sartre considera que se tratando de ato, implica-se uma infinidade de possibilidades das quais não podem ser ignoradas dentro da totalidade. Para entender como as escolhas são feitas diante da infinidade de possibilidades, e os níveis de liberdade dentro da totalidade considerando tal variabilidade, entende-se que não é coerente justificar uma totalidade pelos possíveis, pois em algumas vezes eles poderão parecer imparciais ao projeto. Ao final, o conjunto de escolhas mesmo apresentando-se imparciais ou contraditórias estarão conectadas e serão interpretadas à luz de um projeto total. Nesse sentido, Sartre (2007) apresenta o conceito de compreensão, enquanto modo de lançar o olhar à totalidade do projeto estabelecendo conexões entre os fatos, e ainda frisa que compreender as conexões do projeto total não implica uma necessidade entre os fatos.

Com relação a tais indiferentes, nossa liberdade é total e incondicional. Esse fato de escolher um possível indiferente e depois abandoná-lo por outro, não fará surgir o instante enquanto ruptura da duração; mas, ao contrário, todas essas livres escolhas – ainda que sucessivas e contraditórias – integram-se na unidade de meu projeto fundamental. Não significa, de modo algum, que devamos captá-las como gratuitas: com efeito, quaisquer que sejam, serão sempre interpretadas a partir da escolha original, e, na medida em que a enriquecem e a concretizam, sempre irão trazer consigo seu próprio móbil, ou seja, a consciência de seu motivo, ou, se preferirmos, a apreensão da situação como articulada dessa ou daquela maneira (SARTRE, 2007, p. 579-580).

Não há, portanto, uma regra universal que torne possível compreender as escolhas do Para-si na totalidade de seu projeto, pois, sendo o Para-si livre, ele se cria na relação com o mundo atribuindo valores e critérios bastante singulares.

Após essa breve elucidação ontológica da liberdade no plano do projeto original partimos para uma investigação acerca desses fins do Para si, “pois faz parte da subjetividade absoluta, como seu limite transcendente e objetivo.” (SARTRE, 2007, p. 682). Nesse sentido, Sartre argumenta que a psicologia empírica erra em três pontos principais: o primeiro erro consiste na redução do homem pelo desejo como substância da consciência, essa visão substancialista (*substantialiste*) da qual concebe que a psicologia empírica não considera a consciência “em sua estrutura original projetiva e transcendente, na medida em que consciência é, por princípio, consciência de alguma coisa.” (SARTRE, 2007, p. 682). Além disso, ela define o homem por esses ditos desejos empíricos usando justificativas universais para explicar desejos muito singulares ao próprio sujeito. Ao ignorar a concretude das vivências desse sujeito faz-se perder dados importantes que permitam aprofundar a investigação acerca das escolhas manifestas na preteridade.

Como aplicação dessa crítica, Sartre expõe o modo como a psicologia empírica entende e justifica o caso da vida de Flaubert e sua relação com a escrita. Primeiramente, a escrita surge na vida do jovem Flaubert como uma atitude perante a “ambição desmedida, a necessidade de agir muito e sentir demasiado”, e ainda determina ser um comportamento comum aos adolescentes. A redução de Flaubert a sentimentos coisificados, usando-os como justificativa para seu “temperamento literário”, implica que a escrita seja uma fuga, na qual ele “tentará enganar a si mesmo exprimindo-se em ficções que irão satisfazê-la simbolicamente e canalizá-la.” (SARTRE, 2007, p. 682-683). Embora haja aqui uma tentativa da psicologia empírica em fundamentar como se deu sua predisposição à escrita, Sartre observa que:

Ademais, tal método relega o puro individual, que foi banido da subjetividade de Flaubert, às circunstâncias exteriores de sua vida. Por fim, a correspondência de Flaubert comprova que, muito antes da 'crise da adolescência', desde sua mais tenra infância, ele estava atormentado pela necessidade de escrever (SARTRE, 2007, p. 684).

O problema da psicologia empírica está em estabelecer ligação entre fatos ou acontecimentos a partir de um dado anterior, apresentando-se enquanto consequência de algo que veio a se suceder. Delineando aqui um determinismo, precisamente uma necessidade entre causa e efeito, somos levados ao equívoco das constatações genéricas. As constatações genéricas não podem ser concebidas com seriedade, pois a elas fogem os dados da concretude, sobretudo porque as constatações genéricas nos impedem de fazer uma investigação mais ampla e individual ao mesmo tempo, estendendo a dados essencialmente constituídos a partir das vivências singulares. Em síntese, constatações genéricas remetem à irreduzíveis genéricas.

Tentar reduzir o homem a uma substância, bem como defini-lo por seus sentimentos, a exemplo de Flaubert e sua "ambição literária" aos olhos dos psicólogos "trata-se da própria contingência de toda existência real." (SARTRE, 2007, p. 685). Partindo da contingência dos fatos, Sartre explica que tal "ambição literária" não foi recebida por fatores externos, tendo, portanto, uma livre significação da qual não pode ser fundamentada. Porém, perante a insatisfação podemos ir mais a fundo na investigação:

E, todavia, sentimos obscuramente que Flaubert não "rece-beu" sua ambição. Esta é significativa, e, portanto, livre. Nem a hereditariedade, nem a condição burguesa, nem a educação podem explicá-la; muito menos ainda as considerações fisiológicas sobre o "temperamento nervoso" que estivera em moda por algum tempo: o mesmo nervo não é significativo, é uma substância coloidal que deve ser descrita em si mesmo e não transcende para fazer conhecido a si própria através de outras realidades, aquilo que é, não poderia de modo algum, portanto, fundamentar uma significação (SARTRE, 2007, p. 686).

Ao contrário da psicologia empírica, Sartre entende que a inclinação de Flaubert pela escrita não é "algo dado ou recebido" de algum aspecto do cotidiano ou contexto social. O desenvolvimento dessa habilidade é um fato, um "significante", e não poderia jamais "fundamentar uma significação", porque a partir dele não captamos nada além.

Certo de sua insatisfação perante um simples dado, Sartre busca o que se apresenta enquanto um "verdadeiro irreduzível" através de uma "decisão radical", ele justifica essa necessidade enquanto,

[...] uma exigência fundamentada em uma compreensão pré-ontológica da realidade humana e na recusa, vinculada a tal compreensão, de considerar o homem como sendo analisável e redutível a dados primordiais, a desejos (ou “tendências”) determinados, suportados pelo sujeito tal como as propriedades o são por um objeto (SARTRE, 2007, p. 686-687).

Para compreensão de alteridade devemos, portanto, fugir de reduções substanciais propondo uma investigação do que veio a ser o outro enquanto unidade, unidade pessoal. Diante disso, dispomos de uma ferramenta essencial para a compreensão do sujeito tal como especifica Sartre: a biografia.

Ser é estabelecer vínculos concretos com o mundo, e através da biografia pretende-se investigar a “unificação de um projeto original, unificação que deve revelar-se a nós como um *absoluto não substancial*.” (SARTRE, 2007, p. 687).

No entanto, não se trata de uma tarefa simples, a investigação deve ser de tal rigor que identifique o que são simples inclinações e/ou contingências. Acerca dessa redução, Sartre chama atenção, pois, todo “desejo apresentado como irreduzível é uma contingência absurda e envolve na absurdidade a realidade humana tomada em seu todo.” (SARTRE, 2007, p. 687). Para ilustrar, ele usa uma situação na qual reduzem o projeto fundamental de Pedro ao desejo de remar, expondo que o desejo de remar não diz nada sobre ele, pois, considera-se que tal fato é pura contingência, ainda que seja uma contingência secundária derivada de desejos mais amplos. Reduzir o homem dessa maneira leva ao “que Comte denominava *materialismo*, ou seja, a explicação do superior pelo inferior.” (SARTRE, 2007, p. 688), um movimento de regressão a sucessivos outros desejos até chegar a um irreduzível, especificamente uma generalização.

Classificar um homem por generalizações nos remete a semelhanças com classificações da antiga botânica, tal que se apresenta pouco útil e não contribui de fato para o que buscamos. A respeito das generalizações, Sartre sustenta que se trata de uma “classificação pretensamente explicativa não tem mais valor nem interesse [...]” (SARTRE, p. 2007, p. 688).

A psicanálise existencial sartriana parte do pressuposto de que o Para-si é livre, e, portanto, transcendente. Se é transcendente está sempre em movimento e projeção, em projeção à luz de um fim, fim este que deverá ser compreendido em sua totalidade. Dado a imensurável relevância do fim dentro da teoria sartriana, urge a necessidade de “questionar esse fim em si mesmo, pois faz parte da subjetividade absoluta, como seu limite transcendente e objetivo”. Sartre chama atenção para dois pontos importantes acerca do “estudo

e classificação desses fins”, se trata de equívocos cometidos pela psicologia empírica, a saber, a “ilusão substancialista” e a “soma de tendências”.

Sob ponto de vista de Sartre, a psicologia empírica tradicional se respalda em bases inseguras ao cair na ilusão substancialista (*substantialiste*), isto é, definir o homem por uma substância, mais especificamente um desejo. Haja vista que ignora o movimento de transcendência, ponto importante da teoria de Sartre. O Para-si é transcendência pois é vazio de sentido e está sempre sob um movimento de vir-a-ser, ele não é, ele está. Diante o exposto, Sartre (2007, p. 682) traz a seguinte reflexão:

Mas, se desejo uma moradia, um copo d'água, um corpo de mulher, de que modo esse corpo, esse imóvel poderiam residir em meu desejo, e de que modo meu desejo poderia ser outra coisa que não a consciência desses objetos como desejáveis? (SARTRE, 2007, p. 682).

Os desejos tais como a consciência concebe, não é uma substância ou conteúdo da consciência, e sim, como vimos anteriormente “na medida em que a consciência é, por princípio, consciência *de* alguma coisa” (2007, p. 682). No entanto, a ilusão substancialista - é assim referida – porque se trata de uma visão equivocada. Sendo assim, Sartre (2007) explica que a “ideia de substância, inumana por estar aquém do humano”, cujo desejos são apenas uma parte integrante e não determinante, de uma estrutura maior.

Na mesma direção, a psicologia empírica tradicional também se equivoca em dar como concluída determinada investigação psicológica usando como fundamento apenas manifestações de desejos empíricos e tendências em situações concretas do cotidiano do sujeito, definindo-o assim por aquilo que a observação é capaz de apreender:

Naturalmente, o psicólogo nem sempre se limitará a efetuar a *soma* dessas tendências: ele se compraz em esclarecer seus parentescos, concordâncias e harmonias, e em tentar apresentar o conjunto dos desejos como uma organização sintética, na qual cada desejo atua sobre os demais e os influencia (SARTRE, 2007, p. 683).

A crítica sartriana à psicologia empírica tradicional se dá necessariamente pela aplicação e construção de “leis abstratas e universais”, usando como fundamento “uma combinação de desejos *típicos* e abstratos” em uma determinada situação. Sob a ótica de tal psicologia, Sartre (2007) cita a análise da vocação literária do jovem Flaubert, que usa “a ambição desmedida, a necessidade de agir muito e sentir demasiado” como pressuposto para inferir que é um comportamento justificado pela “crise da adolescência”, e, portanto,

originário desse “‘temperamento’ literário”. Essa investigação é improcedente, pois, 1) a análise é apenas empírica; 2) não nos leva “a captar sua gênese” e 3) há comprovações de que o jovem Flaubert “muito antes da ‘crise da adolescência’, desde sua mais tenra infância, ele estava atormentado pela necessidade de escrever”. Acerca de tais observações, Sartre explica:

As *transições*, os vir-a-ser, as transformações, foram cuidadosamente escondidos de nós, e ficamos limitados em colocar em ordem esta sucessão invocando sequências empiricamente constatadas (necessidade de agir, que, no adolescente, antecede a necessidade de escrever), mas que, literalmente, são ininteligíveis. E pensar: isso é que se denomina psicologia (SARTRE, 2007, p. 684-685).

As constatações que a psicologia empírica tradicional nos traz são dados irreduzíveis, e tão somente, insatisfatórios. São irreduzíveis porque a investigação se encerra no instante em que por intermédio desse dado não é possível chegar a outros dados subsequentes ou informações. Sartre (2007) classifica esses dados irreduzíveis como a “própria contingência de toda existência real”, isto é, tudo aquilo que é classificado como o que pode ou não ocorrer, sendo, no entanto, dados decorrentes do mero acaso. Como ilustração disso, Sartre (2007) cita exemplos como o “penhasco está coberto de musgo, o rochedo vizinho, não. Gustave Flaubert tinha ambição literária e seu irmão Achile não”, que sob análise constata-se que, essas contingências se equivalem, pois são insatisfatórias na mesma medida e não fornecem nada além do mero fato.

O que se espera é que se chegue a um dado satisfatório, na medida em que através dele possamos continuar a investigação, uma vez que nos conduz a outros dados que por regressão finalmente nos direciona a um *verdadeiro irreduzível*. O verdadeiro irreduzível é aquele que nos é apresentado de forma semelhante a “uma decisão radical”. O homem decide porque é livre, e suas escolhas são *significantes* dentro do projeto, significados esses que também são escolhidos. Então, para Sartre (2007, p. 287), a direção segura para a compreensão do Outro é buscar um verdadeiro irreduzível que seja satisfatório e evidente; o Outro é a constituição de uma unidade, singular e “pessoal” de um corpo-consciência lançado no mundo ao mesmo tempo que o integra. Em síntese, com a psicanálise existencial espera acessar o Ser do Outro.

Esta unidade, que é o ser do homem considerado, é *livre unificação*. E a unificação não pode surgir *depois* de uma diversidade que ela unifica. Ser, para Flaubert, como para todo sujeito de “biografia” é unificar-se no mundo. A unificação irreduzível que devemos encontrar, unificação

que é Flaubert e que pedimos aos biógrafos para nos revelar, é, portanto, a unificação de um *projeto original*, unificação que deve revelar-se a nós como um *absoluto não substancial* (SARTRE, 2007, p. 687).

Enquanto na psicologia empírica tradicional o homem é precipitadamente reduzido a desejos, tal como uma propriedade de substância, a teoria sartriana busca compreender o homem em sua totalidade unificada, bem como, o modo de se relacionar com esse meio, considerando o contexto social e histórico. No entanto, a investigação deve captar como o sujeito de significado se expressa até em suas escolhas mais simples, com atenção voltada para uma “significação que transcenda”. É importante ressaltar que a compreensão dessas estruturas só é possível porque a *intuição* é uma ferramenta na investigação do livre projeto de ser.

[...] em cada inclinação, em cada tendência, a pessoa se expressa integralmente, embora segundo uma perspectiva diferente, um pouco como a substância spinozista se exprime inteira em cada um de seus atributos. Sendo assim, devemos descobrir em cada tendência, em cada conduta do sujeito, uma significação que transcenda. Tais ciúmes *datados* e singulares, nos quais o sujeito se historiza em relação a determinada mulher, *significam*, para quem souber interpretá-los, a relação global com o mundo, pela qual o sujeito se constitui como um si-mesmo (SARTRE, 2007, p. 690).

O exemplo do ciúme revelado como uma forma de se relacionar com o mundo, e conseqüentemente uma expressão de “si-mesmo”, não é consistente, pois o ciúme não é em si-mesmo um significado transcendente, não oferece possibilidade de ir além do que já é entregue. A esse tipo, Sartre (2007, p. 690) classifica como uma “escolha de um caráter inteligível”, pois finda abruptamente a investigação com um irreduzível insatisfatório. Como vimos anteriormente, o caminho para a compreensão da totalidade de um sujeito se dá inicialmente pela captação de um dado que seja satisfatório, no entanto, se o homem se expressa integralmente em suas escolhas, então é preciso dispor do que Sartre (2007, p. 690) chama de *comparação* para analisar e identificar esses significados transcendentais. Portanto, se trata de comparar as escolhas e inclinações, e não somente efetuar a soma de tendências empíricas equivocadamente, tal como sugere a psicologia empírica tradicional.

Portanto, é sobretudo por uma comparação entre as diversas tendências empíricas de um sujeito que iremos tentar descobrir e destacar o projeto fundamental comum a todas – e não por uma simples soma ou recomposição dessas tendências: em cada uma delas acha-se a pessoa na sua inteireza (SARTRE, 2007, p. 690).

Para estudo e classificação dos fins é preciso, pois, reunir e comparar o que há em comum entre as escolhas particulares do Para-si, para chegar a constatações mais amplas acerca do sujeito, ou especificamente, uma constatação evidente não-empírica, que nos dará acesso ao projeto. Nesse sentido, Sartre (2007, p. 691) orienta “não nos determos salvo frente à irreduzibilidade evidente, ou seja, jamais supor que alcançamos o projeto inicial até que o fim projetado apareça como o *próprio* ser do sujeito considerado”.

O Para-si representa a consciência, ela é vazia, vazia de ser e livre ao mesmo tempo que está em constante movimento, isto é, constante projeção. O Para-si projeta ser algo, uma projeção que em síntese, é Em-si-Para-si. Nesse sentido, o Para-si como exercício de sua liberdade escolherá um projeto pelo qual iluminará as possibilidades disponíveis, este é chamado de Projeto original ou também Projeto inicial. À luz desse projeto o Para-si anuncia ao mundo seu próprio ser “sob signo de um valor” (SARTRE, 2007).

A ausência de ser é a certeza da presença de liberdade, e se assim o é, o Para-si “determina seu possível e, com isso, circunscreve *seu* valor” (SARTRE, 2007, p. 692). Desse modo, o valor pode ser compreendido como uma espécie de marca do Para-si, pois é através do valor que transparece sinais do projeto de ser do Para-si, o que também não significa que tal informação esteja tão acessível. Como já vimos anteriormente, há um método adequado para efetuar uma investigação de tal amplitude. E quando finalmente acessado o valor do Para-si, a investigação se finda, ele é, pois, o tão perseguido irreduzível evidente e além dele não há mais nada, logo, “não há diferença alguma entre projeto de ser, possível e valor, de um lado, e *ser*, de outro” (SARTRE, 2007, p. 692).

O homem é expressão de seu projeto de ser, ele se expressa em situações empíricas do cotidiano. Situações das quais ele imprime esse dito valor, que por ele mesmo foi criado. Logo, o projeto de ser é compreendido pelo valor expresso através de emoções e sentimentos individualmente possíveis e distintivo.

Não há primeiro um desejo de ser e depois milhares de sentimentos particulares, mas sim que o desejo de ser só existe e se manifesta no e pelo ciúme, pela avareza, pelo amor à arte, pela covardia, pela coragem, as milhares de expressões contingentes e empíricas que fazem com que a realidade humana jamais nos apareça a não ser *manifestada* por tal *homem em particular*, por uma pessoa singular (SARTRE, 2007, p. 692).

A liberdade anunciada pelo Para-si lhe dá poder de constante criação, ele cria seu valor, suas possibilidades, seu projeto. Cria porque é nadificação, e tensiona ser Em-si, “a realidade humana é desejo de ser Em-si”. Se ele cria seu valor e tão logo seu projeto, então ele é seu próprio fundamento. Nesse sentido, por sua característica criadora e desejo de ser-Em-si, bem como, seu próprio fundamento, Sartre (2007) compara o homem a ideia de Deus, o Deus criador de tudo. E, por isso, afirma que “ser homem é propender a ser Deus; ou, se preferirmos, o homem é fundamentalmente desejo de ser Deus”.

[...] se o *sentido* do desejo é, em última análise, o projeto de ser Deus, o desejo jamais é *constituído* por tal sentido, mas, ao contrário, representa sempre uma *invenção particular* de seus fins. Com efeito, esses fins são perseguidos a partir de uma situação empírica particular; e é inclusive esta perseguição que constitui em situação os arredores. O desejo de ser sempre se realiza como desejo de maneira de ser. E esse desejo de maneira de ser, por sua vez, exprime-se como o sentido de miríades de desejos concretos que constituem a trama de nossa vida consciente (SARTRE, 2007, p. 694).

Acerca da estrutura dos desejos, - como vimos no capítulo anterior, sobre a vontade - sejam eles desejos empíricos ou desejos fundamentais, não se trata de elementos soltos e independentes, são iluminados por um projeto maior. Tais desejos pertencem ao que Sartre define como “o desejo de ser, em sua pureza abstrata, é a verdade do desejo concreto fundamental, mas não existe a título de realidade” (2007, p. 694), sobretudo porque “desejo de ser” implica potência de nadificação - característica do Para-si - ou seja, implica algo ainda não é, porém projeta ser Em-si- Para-si. Uma vez que para Sartre, a existência precede a essência, enquanto existência o homem será sempre projeção para aquilo que ele ainda não é, e que em pleno exercício de sua liberdade, escolheu.

Mas, uma vez que o desejo, conforme estabelecemos, é idêntico à falta de ser, a liberdade só poderia surgir como ser que se faz desejo de ser, ou seja, como projeto-Para-si de ser *Em-si-Para-si*. Alcançamos aqui uma estrutura abstrata que de forma alguma poderia ser considerada a natureza ou a essência da liberdade, pois a liberdade é existência, e, nela, a existência precede a essência; a liberdade é surgimento imediatamente concreto e não se distingue de sua escolha, ou seja, da *pessoa*. Mas a estrutura considerada pode ser chamada de a *verdade* da liberdade, ou seja, é a significação humana da liberdade (SARTRE, 2007, p. 695).

## 1. PSICANÁLISE EXISTENCIAL

Diante o exposto, Sartre (2007) se dá conta de que sua ontologia fenomenológica é insuficiente, e que não fornece as ferramentas apropriadas para uma investigação acerca da verdade humana da pessoa. Pois, busca-se objetivamente “o estabelecimento e a classificação dos desejos fundamentais ou das pessoas” (SARTRE, 2007, p. 695). É nesse cenário que ele apresenta a Psicanálise Existencial, enquanto hermenêutica que vá colocar em questão “a pura e simples descrição empírica” e, sobretudo “*decifrá-las*, ou seja, saber *interrogá-las*” (SARTRE, 2007, p. 695).

Em síntese, os fundamentos do método em questão consistem basicamente em: 1) princípio: o homem enquanto unidade e totalidade, sendo *revelador* até nos mínimos detalhes da concretude, do vivido; 2) objetivo: *decifrar* cuidadosamente tais detalhes e conceituá-los; 3) “*ponto de partida* é a experiência; seu *ponto de apoio*, a compreensão pré-ontológica e fundamental que o homem tem da pessoa humana” (SARTRE, 2007, p. 696); 4) o “*método é comparativo*”: no sentido de investigação acerca dos valores impressos e significações dado o contexto histórico.

Em conformidade com a Psicanálise Freudiana, Sartre concorda que o método comparativo é uma ferramenta necessária, de modo a captar análogas semelhanças entre as condutas, tendências e seus possíveis significados. Para além disso, consentem que antes da existência nada há na consciência, ou seja, “consideram a inexistência de dados primordiais – inclinações hereditárias, caráter, etc” (SARTRE, 2007, p.696). Contudo, se não há nada antes da existência, consideram necessário levar em conta o indivíduo enquanto *historização perpétua*, sobretudo enquanto “*situação*” pois, entendem que as circunstâncias podem indicar a condução ou direcionamento do analisado. E de onde extrair informações para essa investigação? Em todos os elementos onde possa haver uma impressão das várias formas de expressão desse sujeito, entre eles, “cartas, testemunhos, diários íntimos, informações ‘sociais’ de todo tipo” (SARTRE, 2007, p. 697), pois:

Cada fato “histórico”, por esse ponto de vista, será considerado ao mesmo tempo como *fator* da evolução psíquica e como *símbolo* desta evolução. Pois, em si mesmo, nada é, e só age conforme a maneira como é assumido; e este modo mesmo de assumi-lo traduz simbolicamente a disposição interna do indivíduo (SARTRE, 2007, p. 697).

Além da valorização da história do indivíduo e como ele se faz no curso de sua própria história, ambas as psicanálises procuram identificar “uma atitude fundamental em situação que não poderia expressar-se por definições simples e lógicas, já que antecede toda a lógica” (SARTRE, 2007, p. 697), nesse sentido, enquanto atitude fundamental, a psicanálise freudiana busca estabelecer o *complexo*, a psicanálise existencial se ocupa de identificar a *escolha original*. Em ambas as psicanálises, essa tal atitude busca compreender a totalidade do sujeito, cada qual com suas especificidades próprias.

Acerca da posição de investigador, Sartre destaca que além do Outro, há possibilidade de o próprio sujeito fazer uma análise de si, uma vez que seja capaz de “interrogar-se exatamente como se fosse um outro” (SARTRE, 2007, p. 698). No entanto, faz um importante ressalva no que diz respeito à Psicanálise Freudiana ou Psicanálise Empírica que parte do pressuposto da existência de um inconsciente, enquanto na Psicanálise Existencial todos os atos são conscientes, o que também não o torna necessariamente conhecedor de sua Escolha Original. É nesse sentido que a reflexão se apresenta como um recurso que possibilita a assimilação dos “símbolos e simbolização”.

## 2. UMA POSSIBILIDADE PARA ALÉM DO PROJETO ORIGINAL

O estudo da teoria fenomenológica e da Psicanálise Existencial de Sartre, nos trouxe compreensões e reflexões diversas. Como de praxe, a filosofia se apresenta a nós enquanto um vasto campo de possibilidades, possibilidades a serem criadas a partir – e nem sempre - de interpretações e leituras de textos filosóficos. Diante tal possibilidade, iremos expor adiante uma modesta interpretação do texto sartriano, em contraposição ao entendimento do pesquisador e psicanalista em formação Dr. Carlos Eduardo de Moura, com sua tese de doutorado intitulada *Psicanálise Existencial, Existencialismo e História: a dimensão sócio-material e a autenticidade no processo da construção de si*. Ao passo que também refutaremos a interpretação da orientadora desse trabalho e pesquisadora, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Gabriela Colantoni, com seu artigo intitulado *O combate ao idealismo por Sartre e as consequências para a Psicanálise Existencial*, publicado nos Anais do II Colóquio Internacional sobre Sartre: interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo. Por fim, faremos uma síntese perante as constatações já mencionadas, e a partir disso, apresentar uma interpretação própria.

Em alguns trechos de *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, Sartre (2007) deixa subentendido um aspecto importante de sua teoria psicanalítica: a hipótese acerca da permanência ou não do que ele chama de Projeto Original ou Projeto Originário. Mas o que é o Projeto Original? Sartre (2007) entende por Projeto aquilo que é prioritário para o indivíduo, ou seja, o fim que está no futuro que ilumina móveis e motivos do Para-si. Como vimos, o Para-si sendo consciência é vazio, indeterminado, e, portanto, livre. E é porque o indivíduo é livre que ele tem autonomia de construção e de escolher o próprio Projeto. O indivíduo se projeta para ser Ser, ser Em-si-Para-si ou para ser o Ser do futuro.

Da interpretação dos escritos sartrianos, Carlos Eduardo de Moura entende que o Projeto Original tal qual tratamos aqui, é modificável pelo Para-si, dado que ele considera o “livre projetar-se” e a “livre criação” de si características basilares. Pois bem, nisso nós e Colantoni (2019) concordamos com ele, porque como vimos, na teoria sartriana a liberdade do indivíduo é no âmbito das escolhas, e, portanto, da livre projeção, uma vez que escolha é projeção.

Projeção iluminada por um fim, sendo tal fim, o Projeto Original. Concordamos também, com a interpretação de Moura (2017), de que essa liberdade de criação de si se dá também no sentido de “(re)organizar” a projeção para o futuro a partir da autoavaliação de técnicas, ou seja, a liberdade de criação é tal que o indivíduo tem propriedade de avaliar aquilo que foi determinado anteriormente pelo Para-si.

Cada existente cria suas determinações ao significar, ressignificar, interiorizar e (re)exteriorizar as técnicas anteriormente estabelecidas sem jamais eliminar o ato criativo e a livre invenção no processo de construção de si. É a criação de fins e o “livre projetar-se a” oferecendo sentido, significado e valor às condições presentes. A ação, a livre invenção e o ato criativo de um organismo singular, pela mediação das técnicas coletivas, modificam ou reproduzem o entorno e as próprias técnicas em função de determinados fins. As condições materiais dadas encontram seu significado presente por um determinado fim e segundo um determinado projeto. O presente significado somente existe em função de um fim (ou de fins) sustentado pelo livre projeto de um organismo individual ou de um grupo. As técnicas e a dimensão sócio-material, conseqüentemente, não são significadas e não encontram sentido e valor por causas materiais ou em uma origem material determinada mecanicamente ou ainda por condições *a priori* da *psyché* humana, mas sim pela *praxis* na qual o sujeito produz e reproduz sua vida: é o ato de (re)organizar um mundo anteriormente estabelecido. Ora, as técnicas não são verdades inquestionáveis (elas não são *totalidades totalizadas*), pois, pelo ato criativo e pela livre invenção, o sujeito nadifica-se na plenitude de ser (em tal mundo datado), que é tudo aquilo o que ele pode ser: “é a livre invenção e o futuro que permitem iluminar o presente, é o aperfeiçoamento da técnica com vistas a um fim que permite avaliar o estado da técnica (MOURA, 2017, p. 127).

O aspecto em discordância do entendimento de Moura (2017), é no que se refere sobre a possibilidade de criação de um novo projeto, quando ele menciona um “reiniciar o mesmo processo de criação”. Conferiremos seu raciocínio na seguinte citação:

Com isso, a partir do existencialismo sartriano, é possível apontar para o paradoxo da condição humana (liberdade e determinação: “Um dos elementos maiores do pensamento sartriano é a circularidade da liberdade e do determinismo”) como fator básico da existência. Primeiramente, pelo homem existir enquanto *ser* (ontologicamente) *desejante*, em segundo lugar, por ter a liberdade (processo, mudança, devir, perpétua nadificação) como condição fundamental da constituição de si e do mundo. Condenado à exaustiva e angustiante tarefa de fazer-se existir – de carregar o peso da responsabilidade de criação de si e do mundo até as últimas conseqüências e ver-se, novamente, reiniciar o mesmo processo de criação -, o homem traz consigo certa nostalgia do em-si (MOURA, 2017, p. 93).

Alinhado ao entendimento de Moura (2017), e de modo a ilustrar essa possibilidade de um novo projeto, e tão logo, uma imprevisibilidade de

comportamento, Sartre (2007) usa como exemplo Raskolnikov, personagem do romance Crime e Castigo (1866) de autoria do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), que após cometer um crime decide se entregar, pagando pelo delito cometido. O paralelo que fazemos entre o exemplo dado e tese defendida por Moura (2017) é tal que, o personagem sendo livre, escolheu-se criminoso. Porém, quando ele no exercício dessa escolha fundamental, mata, ele sente a tragicidade da violência e constatando a injustificabilidade do ato, e em seguida se propõe, uma autoavaliação dessas técnicas dentro do projeto de ser criminoso. Nesse sentido, “sentir é já superar, em direção à possibilidade de uma transformação objetiva” (SARTRE, 1987, p. 154). Da autoavaliação das técnicas vem a ressignificação do projeto de ser criminoso e, portanto, o nascimento de um novo projeto, cuja escolha de não ser criminoso implica que ele se entregue e pague pelo delito. A escolha de não ser mais criminoso é a transformação do projeto, e os acontecimentos diante disso aponta uma imprevisibilidade de comportamento. Vejamos:

E todavia, a cada momento, capto essa escolha inicial como contingente e injustificável; portanto, a cada momento estou prestes a considerá-la de súbito *objetivamente* e, em decorrência transcendê-la e preferificá-la, fazendo surgir o *instante* libertador. Daí minha angústia, o temor que sinto de ser subitamente exorcizado, ou seja, de tornar-me radicalmente outro; mas daí também o frequente surgimento de “conversões”, que fazem-me metamorfosear totalmente meu projeto original. Não estudadas pelos filósofos, essas conversões, ao contrário inspiraram amiúde os literatos. Recorde o *instante* em que Raskolnikov decide se denunciar. Esses instantes extraordinários e maravilhosos, nos quais o projeto anterior se desmorona no passado à luz de um projeto novo que surge sobre suas ruínas, e que ainda se esboça, instantes em que a humilhação, a angústia, a alegria, a esperança, casam-se intimamente, instantes nos quais abandonamos para captar e captamos para abandonar – tais instantes em geral tem podido fornecer a imagem mais clara e mais comovedora de nossa liberdade. Mas constituem apenas uma entre outras de suas manifestações (SARTRE, 2007, p. 585-586).

No entanto, cabe destacar que logo em seguida, Sartre enfraquece o raciocínio de (re)criação do Projeto Original de Raskolnikov, bem como, o de Moura (2017), pois, ele identifica que o que pode parecer uma “mudança” na verdade é apenas uma manifestação da liberdade dentro da infinidade de possibilidades. E como vimos anteriormente, Sartre (2007) identifica que essas decisões são indiferentes e podem a princípio contradizer o fim último escolhido, mas que elas jamais modificam o projeto original e, portanto, só podem ser compreendidas à luz da totalidade e não o contrário.

Assim apresentado, o “paradoxo” da ineficácia das decisões voluntárias parecerá mais inofensivo: equivale a dizer que, pela vontade, podemos construir-nos inteiramente, mas que a vontade que preside esta construção encontra seu sentido no projeto original que pode aparentemente negar; que, por conseguinte, esta construção tem uma fundamentação totalmente distinta daquela que ostenta; e que, por último, só pode alcançar estruturas de detalhe e jamais irá modificar o projeto original do qual resulta, assim como as consequências de um teorema não podem voltar-se contra este e modificá-lo (SARTRE, 2007, p. 586).

Colantoni (2019), defende em alguns pontos do seu artigo que o projeto original é imutável e que a liberdade do sujeito se dá apenas no âmbito de escolher tal projeto. Em um primeiro momento, ela faz uma analogia do Projeto Original com um jogo de RPG. Compara o início do jogo com a infância por estabelecer e definir valores tal como no jogo define domínios, bem como, dá ênfase no fato de que após fixados – tanto no jogo, quanto no Projeto Original – não há possibilidade de modificação desses atributos sem mudar ou matar o personagem (2019, p. 81). Em um segundo momento, Colantoni (2019) analisa o exemplo da excursão, em que Sartre se entrega à fadiga porque escolheu ser fraco, induzindo uma previsibilidade do comportamento. Ou seja, uma vez que Sartre se escolheu fraco e padeceu diante de uma situação na qual exigia força e vontade de resistir, entendemos que em todas as situações que dadas as mesmas condições, ele padecerá (COLANTONI, 2019, p. 81). No entanto, a seguinte citação enfraquece essa determinação das prioridades na infância, caindo em contradição, aproximando-a de um Em-si.

Só há escolha fenomenal, desde que, todavia, entenda-se que o fenômeno neste caso é o absoluto. Mas, em seu próprio surgimento, a escolha temporaliza-se, posto que faz com que um futuro venha iluminar o presente e constituí-lo enquanto presente ao conferir aos “data” Em-si a significação de *preteridade*. Entretanto, não deve-se entender com isso que o projeto fundamental seja co-extensivo à “vida” inteira do Para-si. Sendo a liberdade ser-sem-apoio e sem-trampolim, o projeto, para ser, deve ser constantemente renovado. Eu escolho a mim mesmo perpetuamente, e jamais a título de tendo-sido-escolhido, senão recairia na pura e simples existência do Em-si (SARTRE, 2007, p. 591).

Em face da interpretação de Colantoni (2019), faremos algumas considerações a seguir de modo a apontar uma flexibilidade para além de sua leitura. Reconhecemos que o indivíduo, faz sua biografia alinhada com seus valores que são iluminados por suas prioridades, que a princípio são definidos na infância. No entanto, entendemos que dado a contingência e o movimento de transcendência, a consciência sendo posicional haverá situações nas quais fará questionar os significados. Havendo esse questionamento, ele se coloca na

possibilidade de superar e ressignificar aqueles valores da infância ao longo da existência, estabelecendo a partir disso prioridades (re)significadas. É nesse sentido que a Psicanálise Existencial difere da Psicanálise Freudiana, isto é, o adulto pode ser influenciado pela infância, mas nunca inteiramente determinado. Contudo, concluímos que o Projeto Original e suas estruturas não são tão petrificadas como defende Colantoni (2019) e nem tão livres quanto defende Moura (2017).

### 3. CONCLUSÃO

A ontologia fenomenológica sartriana nos traz a possibilidade de ir além da compreensão epistemológica do fenômeno, compreendendo também a relação ontológica. Diante dessa investigação, ele propõe uma Psicanálise Existencial que buscará um entendimento acerca da totalidade do indivíduo, usando um método por ele mesmo criado, que faz um movimento progressivo-regressivo, tal método tem como característica ser heurístico, pois ele apresenta elementos novos. Ele tem como principal objetivo acessar o Projeto Original do indivíduo, isto é, conhecer a escolha fundamental. Sobre essa escolha, pudemos constatar que assim como o homem, ela é livre, e daí parte a hipótese dessa pesquisa: o Projeto Original é modificável ou não?

Para tanto trouxemos a interpretação de Moura (2017) que defende a possibilidade de “criação” de novas técnicas e significados, viabilizando uma nova estrutura de Projeto Original. Em sentido contrário, apresentamos que Colantoni (2019) defende que o Projeto Original não muda ao longo da existência, possibilitando uma previsibilidade de comportamentos. Em contraposição aos dois posicionamentos, exibimos trechos em que Sartre (2007) contradiz: Moura (2017) no sentido de que algumas escolhas não modificam o Projeto Original e suas estruturas, “assim como as consequências de um teorema não podem voltar-se contra este e modificá-lo”; e Colantoni (2019), no sentido de que os valores definidos na infância, que posicionam as prioridades dentro do Projeto original não é “co-extensivo à “vida” inteira do Para-si”, e que “deve ser constantemente renovado”. Para concluir a pesquisa, propomos a interpretação de que o Projeto Original não pode ser totalmente modificável, apenas suas estruturas resignificadas.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

COLANTONI, Ana Gabriela. O combate ao idealismo por Sartre e as consequências para a psicanálise existencial. In: *II COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: interseccionalidade na compreensão do sujeito contemporâneo*, 2., 2019, Maringá. Anais eletrônicos [...]. Maringá, 2019. Disponível em: <https://iicologiosobresar.wixsite.com/iicologiosartre/anais>. Acesso em: 05 set. 2022.

MOURA, Carlos Eduardo de. *Psicanálise existencial, existencialismo e história: a dimensão sócio-material e a autenticidade no processo da construção de si*. 2017. 522 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 15 ed., tradução: Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de Método/ Jean-Paul Sartre*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. – 3. Ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.